



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PARA A ROTINA DAS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO-PE

Autora: Rita de Cássia de Almeida Santos

Universidade Federal de Pernambuco

r-cassia11@live.com

Co-autor (1): Maria Helena Sobral de Lima

Universidade Federal de Pernambuco

helena.sobral25@gmail.com

Resumo:

O presente artigo é resultado da experiência vivenciada do componente curricular Estágio supervisionado I, desenvolvido no município de São Caetano- PE e busca apresentar reflexões a respeito da rotina escolar das crianças da Educação Infantil. Este trabalho teve como procedimento teórico-metodológico, leituras e discussões sobre as rotinas escolares na Educação Infantil em sala, na Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, e observação das aulas de uma turma do pré-escolar. Os resultados desse trabalho nos fez refletir sobre o quão a rotina se constitui enquanto uma categoria pedagógica enriquecedora para a formação e desenvolvimento das crianças em seu cotidiano escolar, além de ser um importante instrumento para a organização curricular e o controle dos conteúdos e demais atividades no espaço-tempo da sala de aula.

Palavras chaves: Educação Infantil, Rotina, Crianças.

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da proposta do componente curricular Estágio Supervisionado I na Educação Infantil, componente este que busca colaborar para nosso processo de formação, nos possibilitando reflexões sobre a prática docente. E tem o objetivo de relatar as experiências vivenciadas em uma turma da pré-escola, a fim de trazer uma discussão sobre como se dá a rotina das crianças da Educação Infantil em uma escola pública do município de São Caetano-PE.



Este artigo discute acerca de questões pertinentes do cotidiano da pré-escola, como o lugar da criança e da infância, a ideia de currículo nessa fase escolar, a presença da ludicidade, a relação cuidar/educar, o espaço escolar como contribuição para o desenvolvimento infantil, a participação da família, entre outros. Por fim traz uma discussão dos dados gerados no campo empírico, buscando assim a compreensão do trabalho pedagógico na Educação Infantil. Para isso, ancoramos em autores como BARBOSA (2006) quando trata da rotina, o RECNEI (1998) enquanto aparato legal no que se refere ao ensino na Educação Infantil, KRAMER (2007) que discute o lugar do currículo na pré-escola, OLIVEIRA (2007) no que tange aos fundamentos históricos sobre a Educação Infantil e os métodos de ensino para essa fase, OSTETTO (2008) que debate sobre a formação do profissional da Educação Infantil E WAJSKOP (2007) tratando do lugar do brincar na pré-escola.

2- METODOLOGIA

A fim de desenhar um percurso teórico-metodológico para essa experiência vivenciada no estágio supervisionado na Educação Infantil, componente esse que discutem elementos como o currículo, a formação dos profissionais que trabalham com crianças nas series iniciais e a rotina dessas no ambiente escolar, fizemos uso inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, antes de adentrarmos o campo.

Tendo o objetivo de observar como se dá a rotina no cotidiano das crianças, fizemos observações das aulas de uma turma da pré-escola e utilizamos o diário de campo, a fim de que pudessemos registrar os momentos importantes dessa vivência e conversas, com o intuito de compreender esse universo de significados em que se constitui a infância.

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de observações em sala de aula e no pátio da escola (espaço destinado para recreação) e os registros no diário de campo, a fim de trazer uma discussão sobre a vivência escolar na Educação Infantil, onde foi observado desde aspectos físicos/estrutura do espaço e como este era utilizado e como o brincar era vivenciado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio nos possibilitou enxergar o quão a rotina se faz importante para o direcionamento das atividades do(a) educador(a), assim como para as crianças e que esta não é utilizada com o



intuito principal de controlar o tempo e as crianças, mas de organização, percebemos que o brincar enquanto parte dessa rotina se fez necessário tanto em sala, quanto fora, como podemos identificar nos intervalos/recreios, pois esses momentos permitem novas descobertas e conhecimentos novos.

Organização das crianças na sala de aula

As crianças eram organizadas em fileiras e a maioria das atividades encaminhadas a elas eram realizadas individualmente em suas carteiras. Um aspecto muito interessante observado por nós foi referente às questões de gênero que emergia na sala, onde diariamente as meninas sentavam separadamente dos meninos, e essa diferenciação por sexo estava presente também em algumas atividades orientadas pela docente e na maioria das brincadeiras que acontecia no pátio na hora do recreio.

Quanto à rotina das crianças, pudemos presenciar nos dias em que fomos à escola, que estas participavam todas as manhãs, de rituais próprios da instituição, como: cantar o hino nacional e da cidade e rezar o pai-nosso. Todos eram postos em fileiras de acordo com suas séries, e ao realizar essas atividades iniciais da manhã, se dirigiam às suas salas de aula, juntamente com o professor.

Em sala, foi possível perceber também por nós que as crianças vivenciavam uma rotina estabelecida e que estavam acostumadas com tais atividades e momentos. As aulas sempre tinham início com as crianças em pé, formando um círculo, cantando e dançando músicas infantis já conhecidas pela turma juntamente com a professora.

E mesmo que as crianças tenham ficado intimidados com nossa presença no início, vimos que aos poucos todos iam participavam dessa atividade. Feito isso, voltavam para suas carteiras e rezavam uma oração coletiva que eles já sabiam decoradas com a professora, agradecendo por aquela manhã na escola.

As aulas eram divididas em duas partes, entre 7h30 às 9h15 era passada para as crianças uma atividade na lousa, e enquanto copiavam, a professora chamava um aluno por vez para olhar os cadernos do “para casa”, conforme as crianças terminavam a cópia, não lhes era dado um momento para que pudessem refletir sobre o exercício proposto, assim a docente realizava de imediato a explicação, e juntamente com os alunos anotava as respostas na lousa.

Após receberem a merenda, a auxiliar de disciplina reunia as crianças e ficava responsável pelo envolvimento delas nas brincadeiras do recreio, passado 15 (quinze) minutos, voltavam para a



sala, onde era disponibilizado um tempo para que pudessem continuar brincando, dessa vez a docente participava desse processo de interação entre elas.

Em seguida, a mesma distribuía com os alunos alguns jogos de alfabetização, porém percebemos que as crianças não eram orientadas sobre como utilizar aqueles jogos, e na maioria das vezes essa atividade era tratada como uma mera brincadeira, ou seja, esse momento com os jogos parece-nos que não eram vistos como propósito educativo. Nessa segunda parte da aula, a professora passava outra atividade, às vezes entregava um desenho para elas colorirem ou até mesmo proporcionava o desenho livre, até o momento em que os pais chegavam por volta das 11h30 para buscá-los.

Com a experiência do estágio, pudemos ver o quanto à rotina marcava a vida escolar das crianças, que já sabiam o roteiro a ser seguido em cada manhã. Porém, esta deve ser vista como: “[...] um dos elementos integrantes das práticas pedagógicas e didáticas que são previamente pensadas, planejadas e reguladas, com o objetivo de ordenar e operacionalizar o cotidiano da instituição e constituir a subjetividade de seus integrantes”. (Barbosa, 2006, pág.39).

O brincar na Educação Infantil

A brincadeira é uma manifestação cultural que proporciona a interação social das crianças. É por meio do ato de brincar, que elas trocam experiências e vai recriando sua identidade, além de desenvolver as capacidades cognitivo-motoras e a linguagem. Oliveira (2007, pág.160), vem caracterizar a brincadeira na Educação Infantil, como propiciadora de aprendizagens múltiplas, assinalando que:

“Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais”. (Oliveira, 2007, pág. 160).

Conforme nossa observação, as brincadeiras infantis que permeavam os momentos do recreio eram orientadas pela auxiliar de disciplina, que ficava responsável pela organização dos alunos, a mesma disponibilizava para os meninos uma bola e para as meninas um giz branco para que pudessem brincar de amarelinha. Vimos que as crianças tinham afeição pela auxiliar, uma senhora simpática e prestativa, que cuidava para que as crianças aproveitassem o pequeno intervalo que tinham, proporcionando algumas brincadeiras.



A brincadeira que mais presenciávamos no recreio era a “amarelinha”, onde participava meninos e meninas, era muito interessante ver como elas vigiavam para que os coleguinhos não desobedecessem às regras. Pois, “quando brincam ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência” (Oliveira, 2007, pág.33).

A professora, não participava desse momento do recreio com os alunos, ficava no refeitório, aguardando a hora de voltar para a sala, devido a isso, na volta ela disponibilizava um tempo para que as crianças brincassem na sala juntamente com ela, pois segundo a docente " As crianças voltam agitadas, pois o recreio delas são apenas quinze minutos. Acredito que não seja produtivo, colocarem as crianças para irem fazer atividades logo que chegam do recreio, e elas brincando também estão aprendendo. (Diário de campo, 06/11/14)".

Nessa direção é notável que a professora compreender que as crianças precisam de um tempo para retornarem as atividades depois do intervalo/recreio e que embora a professora não estivesse presente no intervalo, as crianças ficavam sob a supervisão de adultos.

Entendemos que esse momento em que as crianças não estão interagindo com adultos, também é enriquecedora, pois possibilita uma interação/relação entre crianças-crianças, nesse sentido Kishimoto (2010) pontua que: “Para aprender novas formas de brincar, a criança precisa ter contato diário não só com outras crianças de seu agrupamento, mas também com as mais velhas, em espaços dentro e fora da instituição infantil”(2010,p.8/9).

Currículo na Educação Infantil e Planejamento das atividades

Sabemos que “Construir uma proposta pedagógica implica a opção por uma organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança [...]”. (Oliveira, 2007, pág. 169), ou seja, é necessária a construção de orientações para reorganizar e dar sentido a prática educativa, porém, foi observado no período do estágio que não havia um currículo definido para a Educação Infantil.

Os conteúdos trabalhados em sala de aula são pensados e organizados pela professora, e esta normalmente trabalha com atividades advindas de livros e da internet, porém um aspecto muito interessante que emerge da prática educativa observada, é o trabalho com projetos didáticos, a mesma relata trabalhar com esse tipo de atividade o ano inteiro, a cada dois meses.



Haja vista que “O projeto didático pode possibilitar às crianças diferenciar suas próprias experiências das outras pessoas, pensar o presente e o passado, o sentido do tempo e do espaço”. (Oliveira, 2007, pág.242).

Nessa direção inserir essa prática ao cotidiano das crianças proporcionará uma maior compreensão do mundo que está a sua volta, por se tratar de temas que envolvem a interdisciplinaridade, onde poderão ser trabalhados com os alunos não só conteúdos de dimensão conceitual, mas principalmente atitudinais.

Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI) vem discorrer sobre a importância de se trabalhar com essa ferramenta importante, assinalando que:

“Um dos ganhos de se trabalhar com projetos é possibilitar às crianças que a partir de um assunto relacionado com um dos eixos de trabalho, possam estabelecer múltiplas relações, ampliando suas ideias sobre um assunto específico, buscando complementações com conhecimentos pertinentes aos diferentes eixos”. (RECNEI vol.1, 1998, pág. 57).

Os conteúdos para essa etapa de ensino devem ser pensados coletivamente por professores e toda a equipe pedagógica, a fim de que possam contribuir para o desenvolvimento cognitivo infantil, daí vem à importância de se pensar nas especificidades da infância, articulando os conhecimentos que as crianças já possuem as atividades propostas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil lança o olhar sobre os conteúdos a serem trabalhados nessa etapa “[...] como um meio para que as crianças desenvolvam suas capacidades e exercitem sua maneira própria de pensar, sentir e ser, ampliando suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem e constituindo-se em um instrumento para a compreensão da realidade”. (RECNEI, 1998, pág. 49).

Dessa forma, vemos que o ato de planejar é de suma importância no exercício da docência, pois vai direcionar o trabalho com os alunos. “Kramer (2007, pág. 86) vem atentar para a questão de que: “O professor precisa sempre verificar se suas propostas estão sendo claramente entendidas por todas as crianças, pois isso ajuda a organização e a realização das atividades”.

Nesse sentido através das respostas dos alunos, o educador pode fazer alterações em sua prática de ensino e conforme as necessidades de sua turma poderá reorganizar seu trabalho, de forma que as aulas sejam mais significativas e prazerosas para as crianças.

Pudemos presenciar no estágio, a elaboração e execução de um projeto didático que foi realizado pelas turmas do Pré- I e Pré -II e que tinha a temática sobre a Dengue, a professora



explicou para as crianças que iriam vivenciá-lo durante algumas semanas, foi mostrado para elas às características do mosquito, os sintomas da doença e os focos de início da mesma, assim como seria o desenvolvimento das atividades e o público para o qual iriam apresentar o produto final deste exercício.

A partir do envolvimento das professoras para que os objetivos do projeto fossem atendidos, pudemos ver que “Para a implementação de uma proposta pedagógica [...] deve existir uma articulação flexível e coerente [...] de modo a que seja possível pôr em prática a proposta e atingir as metas educativas”. (Kramer, 2007, pág.74).

Dessa forma compreendemos que o planejamento deve ser pensado levando em consideração, a realidade da turma e da escola, bem como o espaço e materiais que serão utilizados, todavia o educador deve estar sempre atento para o fato de que nem toda às vezes acontecerá o que foi planejado, dessa forma sendo preciso por vezes repensar estratégias para que a aprendizagem seja efetivada.

CONCLUSÃO

É nesse sentido, que podemos dizer que a experiência vivenciada no estágio constitui-se como um elemento muito significativo que buscou a articulação entre teoria e prática pedagógica, a fim de que compreendêssemos que estes elementos são indissociáveis.

O mesmo nos proporcionou ainda enxergar, que não existem modelos prontos e infalíveis a serem aplicados em sala de aula, e que o professor é um constante avaliador de sua prática de ensino, buscando sempre refletir sobre sua postura em sala em meio aos alunos, assim como o planejamento das atividades.

Em suma, o ato de observar a prática de outra professora, fez com que voltamos nosso olhar enquanto pedagogas em formação para o fazer docente, que se revela todos os dias em sala de aula, sobre as especificidades das crianças e da responsabilidade que tem o profissional de Educação Infantil ao atuar nessa etapa de descobertas e significações.

As idas ao campo nos possibilitou entender e superar a ideia que tínhamos antes de que uma rotina seria algo ruim para criança, identificamos que estabelecer uma rotina é enriquecedora tanto para o(a) educador(a) quanto para as crianças, para estes primeiros, por contribuir para a organização do tempo pedagógico, e para esses últimos, por possibilitar um segurança/conforto em meio a novas descobertas.



Compreendemos que estabelecer uma rotina não significa que os encontros serão iguais, o que identificamos eram crianças que cobravam a rotina e que esperavam ansiosos pelas leituras deleite e pela hora do brincar em sala e no pátio.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

Colomer, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002. (capítulo 3).

Gadotti, Moacir. **A escola e o professor Paulo Freire e a paixão de ensinar** 1ª Ed. São Paulo: Puclisher Brasil. 2007.

Kramer, Sonia (coord.). **Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14ª.ed. São Paulo: Ática, 2007.

Oliveira, Zilma Ramos de. **Educação infantil: Fundamentos e métodos**.- 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2007.- (Coleção Docência em Formação).

Gadotti, Moacir. **A escola e o professor Paulo Freire e a paixão de ensinar** 1ª Ed. São Paulo: Puclisher Brasil. 2007

Ostetto, Luciana Esmeralda. **Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**/Luciana Esmeralda Ostetto (org.).-Campinas, SP: Papirus, 2008.- (Coleção Ágere).

Wajskop, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. Ed.- São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Questão da Nossa Época; v.48).